

Apóiem o Plano Brady. É o apelo de Bush aos bancos.

O presidente dos EUA tenta obter apoio dos maiores bancos para reduzir dívida do Terceiro Mundo

Não está nada fácil para o governo norte-americano convencer os bancos a apoiar a estratégia de redução da dívida externa do Terceiro Mundo proposta no começo do ano pelo secretário do Tesouro, Nicholas Brady, o chamado Plano Brady. Tanto que o presidente George Bush convidou 65 presidentes das maiores instituições financeiras dos Estados Unidos para uma recepção organizada às pressas, na Casa Branca, na noite de terça-feira, e lhes fez um apelo diplomático.

"Eu quero que vocês saibam quanto fortemente eu apóio a nova estratégia para tratar da dívida, e quanto importante é, para nós, trabalharmos juntos para assegurar que ela tenha êxito", disse Bush, segundo um dos presentes.

O apoio dos bancos ao Plano Brady é tão importante que Bush voltou ao assunto em seu discurso de ontem na reunião conjunta do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial. "Os bancos comerciais têm um papel especial a desempenhar para que esse processo funcione, e devem repetir os esforços feitos com o México e as Filipinas e ampliarem seus esforços com outros países", apelou Bush.

E na sequência: "Estimulamos estas iniciativas não a título de auto-sacrifício, mas de interesse próprio. Claro que o êxito não ajudará apenas as nações devedoras. Também fortalecerá os bancos, porque fará suas carteiras ficarem em bases mais altas. Uma das lições dos anos 80, especialmente a crise das dívidas, é que estamos todos juntos nisto. E quando cooperamos, todos nós saímos vitoriosos", exclamou Bush.

O que o presidente pediu

aos banqueiros na recepção de terça-feira, sem dizê-lo diretamente, é que eles embarquem no acordo de renegociação da dívida do México, anunciado em julho passado. Considerado o primeiro teste do Plano Brady, o pacto mexicano só foi fechado depois que o Tesouro passou a pressionar publicamente os bancos.

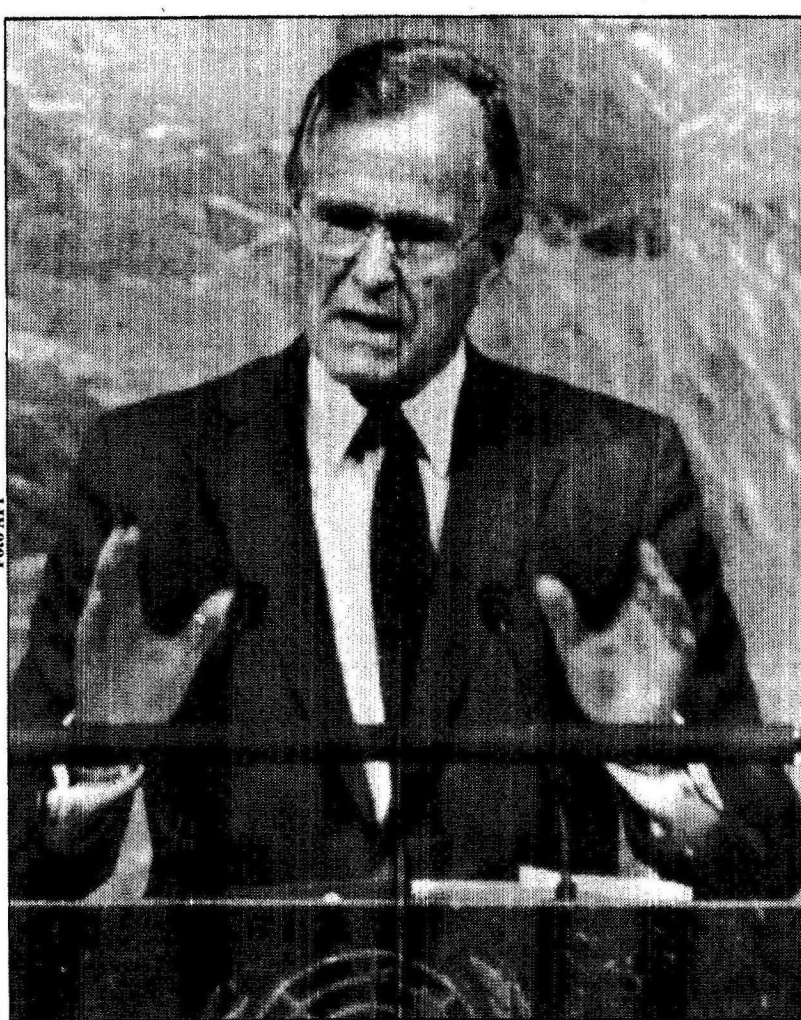
Dinheiro Novo

Do ponto de vista dos bancos, o acordo proposto contém uma contradição básica: ao mesmo tempo em que prevê uma redução real de cerca de um terço da dívida externa de US\$ 53 bilhões do México, através de uma troca de papéis por outros de melhor qualidade, o pacto foi armado com a expectativa de que seria do interesse de muitos bancos contribuir também com novos empréstimos.

As autoridades mexicanas calcularam que, dos cerca de US\$ 17 bilhões de redução que seriam gerados pelo acordo, entre US\$ 5 e 7 bilhões viriam sob a forma de "dinheiro novo" ao longo de vários anos. O montante inicial seria de aproximadamente US\$ 2 bilhões. Esse dinheiro, considerado vital pelo governo mexicano para cobrir o déficit de conta corrente, é a parte do acordo que empacou, e que agora ameaça a própria sobrevivência do Plano Brady.

Um exemplo: o banco Morgan Guarantee é considerado o mais sólido dos EUA pelas agências que classificam os papéis da dívida de instituições financeiras, mas seu presidente Lewis Preston, abriu baterias contra o Tesouro, acusando o Plano Brady de criar "expectativas exageradas" de redução da dívida.

Foto AFP



Bush: festa e pedido na Casa Branca.

Destaques

Em seu discurso na reunião anual conjunta do FMI e do Banco Mundial, ontem, o presidente dos Estados Unidos, George Bush, voltou a destacar a questão da dívida como um dos problemas centrais da economia mundial. A seguir, os principais trechos do pronunciamento:

● Uma rápida ação do FMI e do Banco Mundial, tornando claros os termos pelos quais apoiarão a redução do peso da dívida e trabalhando com as nações para desenvolver os necessários programas de reforma econômica possibilitou reduzir o peso da dívida e fornecer uma base sólida para o crescimento.

● Graças a essas iniciativas, o México chegou a um acordo com seus bancos credores, restaurando a confiança na economia mexicana, o que já resultou no retorno de capital e de novos investimentos estrangeiros.

● A estratégia das dívidas, fortalecida, é flexível o bastante

para tratar das necessidades específicas de cada país. Mas a estratégia não funcionará sem políticas econômicas sadias nos países devedores.

● É preciso acabar com as políticas ineficazes, não realistas, e que tolhem o crescimento. Os benefícios estão à disposição de uma vasta gama de outros países que buscam reformas econômicas.

● Os bancos comerciais têm um papel especial a desempenhar para que este processo funcione, e devem repetir os esforços feitos com o México e as Filipinas e ampliarem seus esforços com outros países.

● Na América Latina, África e México dirigentes corajosos estão virando as costas para o controle estatal de suas economias. A reestruturação econômica e a desregulação estão abrindo as portas à iniciativa privada. E já estão se vendo os resultados.